

A DOENÇA DE LIVROS FRAGMENTO 1

Ilca Vieira de Oliveira (Unimontes)¹

Hoje acordei e me dei conta de que estou contaminada pela doença dos livros, pois sempre que me sinto angustiada e incapaz de resolver problemas do cotidiano mais livros compro. Não se trata de ser consumista. Sempre que volto para casa e coloco mais um livro na estante ou na mesa perto de outros sinto um prazer inominável e minha angústia e tristeza desaparecem por alguns dias até que a vontade de adquirir mais livros toma conta de mim.

Ao chegar à minha casa e girar a chave da porta já escuto vozes que vêm da biblioteca. Quando isso começou não me lembro, creio que tem mais de vinte anos. No início ficava assustada pois, quando eu atravessava a sala e chegava ao corredor em direção às vozes, elas silenciavam. Somente depois de uns sete meses as vozes não silenciaram mais ao me aproximar. Eram vozes desconexas, em desordem total que eu não compreendia muito bem, pois soavam ao mesmo tempo. Em uma tarde de início de primavera, dirigiram-se a mim querendo ser ouvidas, e nesse dia eu as ouvia com nitidez a saírem dos livros.

Não procuro os livros, são eles que pedem para vir comigo e precisam saber quem são esses seus comparsas com os quais podem conversar e até jogar uma bela partida de xadrez ou de damas. São vozes que escuto quando me aproximo das bancas de jornais, de livrarias, dos *bookinistas* à beira do Sena, nas livrarias e sebos de Lisboa, nas livrarias de várias cidades, principalmente Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro, Veneza e leilões em vários lugares do mundo. Se vejo os livros nem quero levá-los, mas sinto-me atraída pelo vício de possuí-los, devorá-los e depois esquecê-los em meio a tantos outros. Os esquecidos reclamam que não tenho tempo para eles porque estou mergulhada em outras atividades e sempre a deixá-los sozinhos para ir

¹ Doutorado em Literatura Comparada pela UFMG (2005). Professora de Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras e no Mestrado em Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Montes Claros. Estágio Sênior na Université de Sorbonne Nouvelle, Paris 3 com o projeto "Cecília Meireles: Desenhos de uma Paisagem Poética e Grafias do eu", financiado pela CAPES - Processo 2802/15-5. E-mail: ilcavieiradeoliveira@yahoo.com.br.

ao encontro de outros que nem conheço.... O problema maior é quando viajo e alguns querem saber quando retornarei e recomendam que eu vá à uma pequena livraria em uma determinada rua distante encontrar-me com um deles que não quer mais viver naquela cidade fria, pois precisa de bons ares para viver por mais alguns anos.

Quando eu retorno das viagens com os pedidos realizados o barulho aumenta muito na biblioteca, pois há uma tamanha disputa entre eles, querem saber onde estive e em qual lugar o livro que chegou irá ficar, um verdadeiro alvoroço se instaura. As indagações começam a surgir: um pergunta em sussurro: “Será que serei abandonado?” Já outro reclama: “Serei esquecido e enxotado, pois esse aí que acabou de chegar será o novo amante dela. É com ele que irá ao seu cabeleireiro, ao café preferido no Boulevard Beaumarchais?” Um que está em um canto sufocado pelos outros e que não dizia nada há algum tempo murmura: “Ontem fiquei sabendo que ela está arrumando as malas e estou curioso para saber para onde ela irá?”; outro triste e com sono reclama: “Será que eu não irei ser o preferido dela outra vez? Serei jogado no lixo ou abandonado?”. Um tímido diz em voz baixa: “Eu vi o bilhete de viagem sobre a mesa, ela irá à Paris e qual de nós levará? E qual novo companheiro ela irá trazer para nós odiarmos?”

Os dias em viagens sempre são angustiantes, pois quero retornar para lhes contar as novidades de todos os lugares por onde andei, escutar os pedidos, as queixas, as dores, as tristezas e as risadas de cada um deles que ficaram à minha espera tantos dias.

Cada dia que giro a chave e abro a porta e tiro os sapatos sou tomada por um medo de não poder mais ouvir as vozes que saem dos meus livros, pois não quero ser curada dessa doença de ouvir e poder falar com eles. Sou tomada de uma satisfação que alivia todas as dores e os desassossegos da alma e do meu corpo. Só de imaginar que essas vozes possam desaparecer sou invadida por um impulso de escrever.

E fico em silêncio pensando em você Benjamin, que não sei por onde anda e quando virá e terá tempo para ouvir outra vez as vozes dos livros comigo...